

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: Política Ind. Oficial
Data 09/11/91 Pg.: 1434

Funai presta serviços a estudantes

O que diz o "Capítulo do Índio" da nova Constituição do Brasil? Qual é a política indigenista da Funai? Em que grau está a exploração, principalmente por madeireiros e garimpeiros, de algumas áreas indígenas? Perguntas como essas, entre outras, vêm sendo respondidas pelo Serviço de Estudos e Pesquisas (SEP) da 4ª Superintendência Regional da Funai — que tem sob sua jurisdição os Estados do Pará, Maranhão e Amapá —, para cerca de 80% de estudantes do segundo grau, 9% do primeiro e 11% do terceiro. Aproximadamente 66% desses estudantes são da rede privada de ensino e 30% da pública.

"Temos percebido que, desde a implantação do SEP, em 1988, o grau de consciência dos estudantes sobre a questão indígena tem melhorado muito. Essa constatação pode ser feita pela comparação das perguntas feitas pelos alunos, antes e depois do SEP iniciar suas atividades, o que para nós é gratificante", diz a antropóloga Carmem Silva Soares Affonso, que trabalha há 11 anos na Funai e chefiava o Serviço de Estudos e Pesquisas do órgão.

O trabalho de atendimento ao público desenvolvido pelo SEP é feito basicamente por uma antropóloga, uma bibliotecária e uma professora. As pesquisas nas áreas indígenas — outra atribuição para a qual o SEP foi criado — não vêm sendo desenvolvidas, por falta absoluta de recursos, segundo Carmem Affonso.

Determinação — Mesmo sem uma estrutura adequada, o SEP vem conseguindo atingir alguns de seus objetivos, como o de conscientizar, principalmente os estudantes, sobre a real situação dos grupos indígenas que habitam os Estados do Pará, Maranhão e Amapá. "Nós não podemos ficar esperando pelas condições ideais para ajudar a sociedade a tomar conhecimento do que realmente se passa com os índios", ressalta Carmem Affonso. "muita gente pensa que todos os índios ainda caçam e vivem da mesma maneira, o que é um equívoco", alerta a antropóloga da Funai.

O trabalho desenvolvido pelo SEP não se restringe ao

atendimento do público na sede da Funai, em Belém. Os técnicos do SEP e de outros serviços do órgão ministram regularmente palestras nas escolas, sobre os mais variados temas ligados à questão indígena. Anteriormente, essas palestras eram realizadas durante a "Semana do Índio". "Quando mais contato os técnicos da Funai tiverem com os diversos segmentos sociais, mais fácil será a desmistificação da questão indígena, sobretudo pela experiência adquirida por eles nas aldeias", diz Carmem Affonso. Ela lembra ainda que não só os estudantes estão sendo beneficiados pelas palestras nas escolas; os professores também, pois muitos deles não têm como acompanhar as transformações de um determinado grupo indígena.

Mais ação — Equipado com um projetor de slide e um parêlo de videocassete, adquiridos recentemente, Carmem Affonso acredita que o trabalho desenvolvido pelo SEP será ainda mais penetrante, pela oportunidade que as pessoas terão de visualizar os índios em seu habitat natural. Para montar o arquivo de imagens, que serão utilizados pelo SEP nas palestras e encontros, a 4ª Superintendência firmou um convênio com o Museu e Imagem do Som, da Secretaria de Cultura do Estado.

A 4ª Superintendência atua conjuntamente com órgãos como Idesp, Fcap, Embrapa, Cimi e Ceplac, que cedem regularmente para a Funai cópia do material por eles produzido, quando relacionado à questão indígena. "A colaboração desses órgãos tem sido decisiva para nosso trabalho, não só no atendimento ao público, mas também para a elaboração de projetos que são implementados nas áreas indígenas, principalmente os de agricultura e pecuária", ressalta Carmem Affonso.

A antropóloga da Funai acrescenta, no entanto, que só a determinação dos técnicos da Funai e a colaboração de outros órgãos não são suficientes para que o Serviço de Estudos e Pesquisas da 4ª Superintendência atinja todos os seus objetivos. "Pela diversidade dos grupos indígenas do Pará, Maranhão e Amapá, a pesquisa nas aldeias é fundamental para que as transformações de cada grupo seja acompanhada de perto", conclui a antropóloga Carmem Affonso.